

MACIEL, Maria Esther. *Longe, aqui. Poesia incompleta 1998-2019*. Belo Horizonte: Quixote + Do Editoras Associadas, Tlön Edições, 2020. 314 p.



Fonte: Divulgação

Myriam Ávila¹
Universidade Federal de Minas Gerais

A escritora Maria Esther Maciel, que parecia estar se encaminhando, desde o último livro, para a narrativa, volta agora a publicar um livro de poesia que, reunindo livros anteriores, inclui também *O livro das sutilezas*², com sua produção mais recente. *Triz*, seu primeiro livro de poesia, já era um livro maduro, com uma dicção própria, a realização e não a promessa. Talvez por isso a autora tenha sentido a necessidade de deixar o verso em busca de uma expressão mais fluida, menos interrompida pelas pausas das cesuras visuais e sonoras dos versos, em *O livro de Zenóbia*. Personagem esta que, apesar do engajamento na sequência temporal narrativa de muitas passagens do livro, declara francamente que “a lírica, e não a crônica, define seu pacto com a vida e o sonho”. *O livro de Zenóbia* acaba sendo incorporado à “poesia incompleta” de

¹ Professora da Universidade Federal de Minas Gerais, tradutora do inglês e do alemão. E-mail: myriavila@gmail.com.

² Trabalho inédito de Maria Esther Maciel, ilustrado por Julia Panadés. [N. dos E.]

Maria Esther, nesta nova edição. Segue-se a esse, na trajetória de Esther, *O livro dos nomes*, bem mais narrativo, portanto excluído da reunião recentemente publicada.

Ficou no ar a expectativa de um romance.

Surpreendentemente, até para a própria autora, segundo seu depoimento em entrevista, a poesia em versos volta a exigir o seu quinhão, com grande felicidade de resultados, já que, na composição em versos, a espera da próxima linha deixa suspensa a imagem, que recebe frequentemente um suplemento de informação na linha seguinte, configurando um delicado veículo para as sutilezas da poeta. Assim, “dois gatos me olham” exige uma retificação da percepção para “dois gatos me olham arredios”, e, enquanto nos satisfazíamos com “o de manchas castanhas arranha o tecido”, vemos a seguir que a imagem ainda estava incompleta sem o oxímoro “com ríspida brandura”. Às vezes um verso vem se intrometer, deslizando como um gato, numa enunciação que já parecia completa sem ele: “como se quisesse me contar – *com os olhos* – um terrível segredo”. Este é um efeito muito sutil, mas que dá um ritmo muito próprio aos poemas da nova fornada.

As citações acima são do primeiro poema da coleção, intitulado *Ao som de Coltrane*. A referência musical traz a ideia de alguém que quer ouvir além do óbvio, que escolhe uma audição exigente. O sofá é uma escolha, assim como o momento. Mas os gatos, companhia também escolhida, tingem de alteridade a cena. Um deles mia, acrescentando um som não esperado, acústico e presencial, à música já transformada em ondas mecânicas. O outro gato desafia o conforto estável do sofá ao arranhar o tecido. Não só nesse poema, mas em outros do mesmo livro, a presença do animal é essencialmente não metafórica, e sim um elemento exterior à consciência do poeta, que estabelece com ela um jogo, sem se render, como em tantos outros poetas, à imposição da consciência lírica ao que a rodeia.

A escravidão do outro pela metáfora é uma operação a que Esther Maciel não se dá. Essa afirmação parece ser contradita pelo segundo poema, *Alcachofra*, em que há uma comparação estendida entre a planta e o livro. Mas, mais que um símile, a alcachofra acaba sendo a figuração de um livro ideal, com sua sensualidade à flor da “penugem lírica” e sua revelação “tenra e carnuda” no último capítulo. Não há simetria, reciprocidade ou integração: apenas nos pegamos desejando um livro que proporcione o mesmo “deleite/da língua”.

Imagino que é por isso que Esther se alia a Hildegard von Bingen que, no seu livro *Physica*, que trata de ervas e pedras, chega, pela observação sensível, a construções inesperadamente poéticas. Alguns dos verbetes de von Bingen são recriados agora pela poeta brasileira que introduz ali os seus próprios temperos verbais, realçando o sabor dos textos bingenianos.

Uma outra seção, *Hortus deliciarum*, ainda reforça a atenção que a poeta dedica aos seres não deambulantes dos jardins, mas introduz também uma incursão específica pelos sons, pelas falas que se dão à revelia dos humanos, pretensos senhores do mundo. Tudo se aguça pela poesia: visão, olfato, paladar e audição.

Poema após poema, seres, plantas e coisas entregam-se às vezes, comunicam seu mistério sempre. Feitos de sutilezas, todo suplemento lhes é supérfluo, desanimando o crítico de recobri-los de discurso. Cabe apenas constatar que, onde muitos poetas fazem saltar de seus versos um astucioso jack-in-the-box, um inesperado pulo do gato, Esther não pretende surpreender ou montar um brinquedo engenhoso. Recria o hálito do minuto como coisa viva, sem o atrelar a sequências, descobertas portentosas, resultados. Em lugar do enigma, a afirmação tranquila, intransponível, do mistério. Sua poesia é o gato sem pulo. O que isso revela de elegância de pensamento e superação da busca de efeito é o que para mim faz da poesia de Maria Esther Maciel uma caligrafia sem sombra de espetáculo e a expressão serena de uma voz singular.